

OCOVI
poema dramático em várias vozes

Alckmar Santos

Universidade Federal de Santa Catarina

Personagens:

Eu-Sozim

Meu tio, o contador

Zé Bebelo, a prosápia

Joãozinho Bem-Bem, a direiteza

João Mangalô, a manigância

Rosa'uarda, a floração

MEU TIO

Tudo que se enxerga é mais do mesmo?!
Entre o rumo e o esmo, entre a cerca
e o cimo do morro, o que eu ensino
é como o repinique do sino,
é feito veneno e que cura, é dor doendo
que passa sem abertura. O qu'io vi, menino,
cê vai saber é já: apronte o siso e vem pra
cá,
que eu afino o gume,
tempero a língua, acendo o lume, abro os peitos
e deixo escorrer, de jeito,

tudo que é “como” e “porquê”. Só escute
e se benza, passa a tramela, que o bute
não quer vela, nem reza!

EU-SOZIM

Tô tremendo, meu tio, que é grande-imenso o rio
em que eu meto os pés, sem chão, nem vau.
Qu’eu não sou lé, nem cré, credo! Afinal,
Melhor tarde que cedo, e qu’eu veja o pio da cobra
só se tem jeito não! Sei que o que Mundo me cobra
é coragem!... Vá lá, então! Que seja
como Sior diz e fala (que a vida é viagem
sem fim!): “Nunca se dê de bandeja!”
“Nunca desfaça a mala!” Pra mim,
tá certo e acertado: n’importa de que lado
venha o Dito, tô aqui pra grunho, mote e grito!
Na ponta do lápis ponho o que cê conta.
E pronto!

MEU TIO

Entra aqui, Sô Zé Bebelo! Ajeita o cós
da calça, espalha a brilhantina no cabelo,
pendura o paletó na cadeira, na quina, ou na alça
do cabide atrás da porta! Num duvide,
é sua a casa, ora! Só limpe os pés já e abra as asas:
que aqui num tem serventia relógio que atrasa,
tem não (nem venha!); ou panela fria
dormindo na lenha apagada do fogão.

ZÉ BEBELO

Tô de jeito, à vontade! Entrei de pé
direito,
O Sior há-de convir comigo, o respeito
é devido, se é casa nossa,
inda mais se é alheia! Café recém-coado?!
Assim num há quem possa!! Qualquer um apreçea
ser bem tratado, né não?! Pois é! É
sim!
Sior vê rara gente assim! Mas tô aqui não
pra enrolação ou rapapé! Me pediram o caso
contasse reto e direto. Se tiver rapariga, acaso,
por perto, manda dar milho pra galinha,
o certo, o meu estribilho, é nem ficar na
pinima,
que é essa, é!, história de vulto que vou contar.
Se tem tumulto?! Só no final, que o Mal
é esconso e alarifo, é sonso, o Maldito!
Se faz de nada nadica, soez que só!
Depois num diga que num avisei que a mó
mói sem dó, é corda de crina
de cavalo chucro, se um sai só no arranho,
é lucro de monta, é ganho demasia!
Vou chamar quem me confirma, me assisa,
no que falo bota o selo: Vem cá, Sô Joãozinho!
Quem chama é Zé Bebelo!

JOÃOZINHO BEM-BEM

‘Tava tão bem no meu ninho de mafagafos!,
Sô Zé Bebelo — com sua vênia e seu apelo,
eu conto —, ‘tava no arrepio da lei
(vá Siô botando ponto) descendo ripa e sarrafo
nessa grei de inútil; dando tiro,
cedendo pancada no lombo,
no giro-e-não-giro, armando fuzarca e dando tombo,
e mirando pontaria no couro alheio.
O que mais me dariam? Da gente, mesmo bem,
é só o arreio, o que se tem!
Nem a montaria é nossa, Seu moço,
a
sorte é danação das boas, É purgação que reboa
do corpo até a alma! E quem me diz pra ter calma?!
Quem?! Tição que pegou fogo, da alma até o corpo,
nunca que desaquece o calor,
nunca desapega da agrura! Sem tirar nem pôr,
essa vida é danação pura!
Eu ‘tava é no redemunho, de olho aberto
e arma em punho, soslaiando inimigo esperto,
comendo tanta poeira, só levando comigo o incerto.
Tanta poeira, seu moço,
que num tinha queira ou não-queira: do pé até
o pescoço, era terra grudada com sangue.
Não se zangue, comigo! O malfeito
é só mesmo se é lento o trote da vida.
Mas no redemunho é qu’eu ‘tava! No meio da briga
braba! É lá qu’eu ‘tava e queria!
Se quase levava sopapo, co’a mesma toada eu feria,
que quem nasceu pra jia ou sapo,

nunca que chega a marmanjo...
Quem deu pra diabo, nunca desvira pra anjo!
No meio do redemunho, no meio da fumarada,
é que veio vindo o cujo, de campana,
feito fosse rascunho de gente-humana
mas desvirada: a pele pro dentro
e os bofes, tudo imenso, do lado de fora.
Pra ele num manda, não vigora a lei do Criador.
Não adianta altercar jura,
que ele num aceita nem atura. Nem santo de andar
co'ele pode. Co'a água-benta,
então, é que ele faz barba, cabelo e bigode!
Seu Zé Bebelo, agora aguenta o tranco!
Num tem pé-atrás! Foi o que eu fiz,
arrimado num barranco, num triz
sustendo a mauser na mira, buscando a tez
do Cujó, que fira o dele olho sem vez!
O sujo rebotalho, o piolho!
Que nesse é pra descer o malho,
molhar de guspe e catarro, secar a água e o barro
de qu'ele foi feito. No fim,
foi mesmo que nem bem vi o dele aspecto,
a carantonha do inferno. Contra o quem se quis
grande e eterno,
eu fiz o possível bastante: entre um e nenhum
respiro, soltei o retumbo do tiro.
E, no beijo que nele deu o chumbo,
aí é que o redemunho se escafedeu.
Nem resto de vento ficou, nem intento
de ruído algum! Esse'um, pode que não
morreu,

mas nem cheiro de enxofre ficou. Que mesmo sofre
quem muito cala! E aqui tranco a minha
fala
e fecho. Pr'ocês deixo só esse espanto.

ZÉ BEBELO

Qu'ê muita e boa bizarrice, Seô Joãozinho!
mas fico é pensando, e se, calhava, no átimo
da luta, falhava o tiro?! Qu'ê-de o Senhor aí?!

MEU TIO

Mas, Seu Bebelo, parece
que Siô se faz aqui é de indrumista,
em vez do reto do I, vai torto que nem um S!
Num é que direito num assista a vosmecê, veja lá!
Longe disso!, aqui não há
quem é que lhe dê censura, mas perguntar,
nessa altura, por sorte tão rúim e esconsa,
é cousa de São Tomé ou até,
então, de amigo-da-onça!

JOÃOZINHO BEM-BEM

Deixe dizer, num há ofensa, Sô Contador,
ô meu mano,! Qu'eu mesmo me botei na cabeça,
igualzinho, esse engano: que bem me podia
vir um desse pavor! E quem que segura a tupia
quando ela quer mesmo muito
e inda gira com mais intuito?! Sorte da gente

no duro, essa contenda, enfrentar o Ogro,
bem me entenda!, se num tem a brabeza
dum Joãozinho Bem-Bem, a só certeza
é se cercar de mandinga,
é apelar pruma qualquer reza do bem.
Nem olhe, num pense, só diga
o que convém a sua sina!
E quem é que vem se juntar a nós também?!
Agora, nessa sala?! Que chegou de mala
-e-cuia, satisfeito da vida
que nem feito rato na tulha?!
Seô João Mangalô, tenha a bondade,
tenha a boa-vinda. Homem de valor,
da sua qualidade, de tanta conheçença,
dê entrada, faz o favor, mostre que a vosmecê
não há que vença. Nos faça mercê!

JOÃO MANGALÓ

Ô, meus compadres! Agradeço muito demais
tudo essa cortesia, essas bondades sem bazófia.
Boas tardes! Venho certo e na paz,
feito padre benzendo a hóstia com
cordura.
Tudo aqui é criatura de Deus, até o berro
do gado é d'Ele fala, sem menor erro!
Mas o que atrapalha a vida,
o que dá o abalo é coisa que o nome
num falo! É chamar o azar, a zica.
Sorte do homem é madrasta
sem a mão do Esp'rito. É espeto, 'tamos frito.

Sem o anjo-da-guarda, o Cujo vem e arrasta
bicho e gente pra longe e pro fundo,
e nem tente se livrar sozinho, o Mundo
num foi feito pro deus-dará.
Se um num lavra o eito com esmero,
a Coisa-Má domina e mete o relho,
se instala em cama-e-mesa sem pedir a licença,
que seja. E aí num há sabença que baste,
num tem força no braço
que com o Mofento empate!
Que co'ele num tem cansaço nunca, o Beijudo
sabe de si e de tudo, põe tento
em toda criatura, em tudo quanto é pensamento
fica espreitando co'a língua de fora, quando,
na cara-dura, vai-se fazendo de tonto,
pra logo dizer: "É meu! Tá pronto e
finado!
O vivente que sofreu
meu olhar, que entrou no meu jogo,
na minha dança virou par! Agora tá acabado,
agora tá no fogo do inferno!"
Mas aqui o Mangalô, riposta:
"Tem no meu caderno de reza,
o que tu gosta, o remédio pr'essa
empáfia-mor!" E pr'ocês aqui já tiro e mostro
o canhenho: é só bom feitiço
pr'um qualquer monstro. É bem isso
tudo qu'eu tenho e sobra. É a cantiga, é a
obra
de São Marcos. C'uma só palavra aqui escrita
já eu abro os caminhos, Deus permita!

*Qu'eu me entregue de corpo e de alma,
São Mansos me acalma,
São Marcos num me negue a proteção,
que o Debo espera não:
toda hora é do medo, mas tudo instante
já nasce na glória do Deus-possante.
E a bênção que vem e molha
é chuva que o Bem faz de encurrada,
é como a água que limpa o chão e arrasta
toda imundice, já tá na Sagrada Lei,
já disse Moisés: por quem tu és,
eu sei que assim te fez o Senhor!
E Ele me dá a mim, Mangalô,
poder sobre o Anjo-Mau! Querubins e Serafins,
comigo estão, contigo vão, com todos são!
Do começo ao final, tudo lugar é igreja!
Que Deus esteja!*

MEU TIO

Ui, meu compadre!, Que isso é reza de padre
da estranja! Aquieta até galho
em ventania estranha! Soa forte, bonitezal,
cantando que nem malho de forja acesa.
E conta pra nós, conta! Sior já usou toda
ela, de ponta a ponta? Do comecim
até o fim?!

JOÃO MANGALÓ

Usei já, Siô, sim! E mais vou rezar e muita vez,

e toma assento, é que esconde, este vestido
de truz, tudo qu'eu levo onde
no em-dentro. Já fui madrinha de tropa,
e coice de boiada.
O pouco que um dia tive foi-se,
levado de enxurrada. Já fui de mofa,
pequena e à míngua, me diziam: “Essa não vinga!”
Até que virei mulher-dama, mas por precisão:
as costas na cama, punhal no alcance da mão.
De pouco em pouco fui me notando e vendo;
os outros de mim nada não sabiam:
pr'eles eu era só a cana que o engenho
todo dia vai moendo sem dó!
Aprendi, na lei da vida, que, se o mal estraga
e faz ferida, é por aí, bem
na mesma chaga, que Amor entra também
e se instala! Daí então num há quem impeça
a gala do viver, que Amor é reza
mais forte, é pinote de cavalo chucro,
é que nem coice de trabuco que nunca
falha!
Ô, se for botar em fala tudo que aprendi
em casa-fechada! Era sair dum siriri
pra cair noutro pega-e-capá!
Mas eu num vim pra contação de causo.
Eu só vim no aqui, que o menino
tá de percalço. “Tão de butuca e às espreitas
Pra dar um cachaço na nuca
dele, a ver se desendireita, de vez de fato,
esse vivente de poucos anos,
tirar dele tudo que é sano. Ara, só,

só tem Amor que despode o Sanhudo.
Nesse tempo tudo que eu vivi,
só Ele me assegurou de pé, mesmo largada por aí.
Que a fé, n'Ele, então, pode mais,
pode sempre, é fogo que nunca mais
se apaga na trempe.

ZÉ BEBELO

Ara, sô, Siá Rosa! Com mecê num tem tempo
feio, num tem prosa à-toa.
Do qu'eu me alembro Inda que a vida
venha e moa o vivente, só gente
assim leva a montaria adiante, num adia
a existência, num tem mesmo tempo feio!
É grudunhar no arreio e rezar tão bem, se a
hora chega e o dia num abre. Mas mecê já sabe
tudo pra enfrentar o Cão-miúdo! Pegue e
leve
o mocinho pro quarto. Se ele entra aí
mofino
e leve, vai sair é gigante, quatro
vez maior. Como Siá disse já, o Amor dá
jeito
e é sem prazo.

MEU TIO

E, pro acaso, tem motivos
p'r'essa espera toda? Pra isso,
toda data é certa, toda hora é boa!

É no retardo da espoleta que o amargo da treta
se dispõe!

JOÃOZINHO BEM-BEM

Ora, eita, que a hora já foi, então!
Num é isso mesmo, Seô João?!
É no frigir do torresmo, que o couro estala!
É no pipoco da bala, que a alma
se entrega ou se acalma!

JOÃO MANGALÔ

E, aí, meus compadres, que o boi resmuja,
que o cachorro ladre, que pie a suindara:
o Cujo a quem se temia
nem vem dar as caras. Por Nosso Sinhô e a Ave Maria!

EU-SOZIM

É então sem espalhafato, minha gente,
é co'o mais alto intento de um ser temente
só a Deus (n'Ele eu me alento), qu'eu aqui
digo aos meus: casa esta num é espelunca,
aqui nunca há-de o Porco-Sujo se rir!
Dona Rosa, me ensine, o que de mais valor,
e insine, tem na vida!
Mas já sei já, nem precisa de dizer: é esse Amor
que faz do vento brisa, e torce a sorte
da gente, pra mode tirar do nosso couro
todo peso de desgraça,

que vira a sorte vazia pr'outro lado,
que dá pro fado u'a mão macia
que vem e abraça!

MEU TIO

Tá lá'agora, o menino! Ganhando senso, siso, tino!
Tá lá, ele, mesmo então! Pousando a mão
de mansinho, se enveredando por tudo
que é corgo que sai do corpo da Rosa!
E aí num tem olho torto!
Eta, qu'ele vai voltar prosa! Ganhando o Mundo!
Sabença sem fundo ele tá ganhando,
brabo que nem onça quando
defende a toca esconsa. E rude,
com quem se arrisca a enfrentar sua ira.
Ele só grita: “Desgrude e se aquiete,
Rabudo, que, nesse sertão,
eu faço o banquete e como tudo:
da mistura até o pirão!”

ZÉ BEBELO

~~tá lá'agora, o menino! Ganhando senso, siso, tino!~~

E aí todos os outros vão narrando o que está acontecendo lá dentro do quarto, cada um na sua perspectiva.

Meu tio, o contador

Zé Bebelo, a prosápia

Joãozinho Bem-Bem, a direiteza

João Mangalô, a manigância

ELES ESTÃO FALANDO DO DEMO

Solução: Amor entre o sobrinho e a Rosa'uarda. Esta aponta para o esoterismo e para o amor (via Vênus ou a Via Radical)

Alckmar Luiz dos Santos trabalha com teoria do texto, literatura e filosofia, hipertexto e texto digital. Autor de "Leitura de nós" e "Dos desconcertos da vida filosoficamente considerada" (Prêmio Transmídia - Instituto Itaú Cultural), "Rios Imprestáveis" (poemas; Prêmio Redescoberta da Literatura Brasileira da Revista Cult); "Ao que minha vida veio..." (romance; Prêmio de romance Salim Miguel).